

ASSEMBLÉIA DE LEITORES

Hans Robert Jauss. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli, apresentação de Regina Zilberman. São Paulo: Editora Ática, 1994, 78 pp.

Luiz Renato Martins

Nos idos de 60, um debate entre Lévi-Strauss e Sartre, no qual o primeiro questionava o valor científico da noção de história, selou a entronização do estruturalismo no lugar da ontologia existencial combinada ao marxismo, que dera, a partir de Sartre, a tônica da década anterior. O debate, começado por Lévi-Strauss em *La pensée sauvage* (1962), estendeu-se por anos. E numa edição da revista *L'Arc* dedicada a Sartre (out., 1966), este ainda polemiza acerca do caráter anti-histórico do estruturalismo.

Como repropor, após tal debate, o tema da relação entre arte e história ou da produtividade social da arte, e reavivar, pois, o nexos literatura-sociedade? Ao recolocar tais questões próprias a um dos traços mais antigos da arte, já tematizado por Aristóteles — o seu caráter de experiência transitiva, coletiva ou comunicativa —, Jauss depara, para usar um termo seu, com um "horizonte de expectativa" adverso. Assim, sob o signo do desafio, sua fala proferida como aula magna, em 13.4.67, na Universidade de Constança, sob o título: "O que é e com que fim se estuda história da literatura?", foi posteriormente, visando o debate, ampliada e editada sob novo nome: "A história da literatura como provocação à teoria literária".

Com efeito, este texto programático, logo traduzido para várias línguas, e que vale como um manifesto da "estética da recepção", provoca. Propõe uma correlação entre estética e história, que, a par de colocar uma alternativa à ortodoxia lukacsiana — já crivada de críticas —, vem enfrentar diretamente as correntes em ascensão, alheias à análise histórica: a semiologia e o estruturalismo.

Nesta altura, o panorama intelectual prévio encontra-se, portanto, polarizado. De um lado, Lukács apegado à idéia de uma unidade natural cristalizada como identidade de forma e conteúdo, da qual a arte clássica seria o melhor modelo (por absolutizar o conceito de Hegel do clássico, Lukács rejeita boa parcela da arte moderna — esta, desde

logo, em ruptura com a concepção clássica de representação, como forma fechada e heterônoma, útil ao realismo). E, de outro lado, o alvo efetivo de Jauss: os formalistas, a semiologia e o estruturalismo que absolutizam a arte como sucessão de formas, considerando-a um universo totalmente separado ou autônomo.

A "estética da recepção" busca responder anti-dogmaticamente, a partir da imanência sócio-histórica, a tais posições, tidas como substancialistas ou absolutistas ("nem a obra de arte na sua estrutura nem a arte na sua história podem ser interpretadas como substância ou enteléquia", dirá Jauss). Assim, Jauss aponta a raiz idealista e classicista da teoria lukacsiana do "reespelhamento" (*Wiederspielung*) — que toma a arte como mimese de uma realidade preexistente —, e também destaca, na idéia de autonomia da obra frente à história, o absolutismo estruturalista — que, para Jauss, não é dessemelhante ao ideal platônico substancialista no pôr um princípio originário e transcendente.

A "estética da recepção" quer reintegrar e ressocializar a experiência da arte — seccionada e tornada objeto semicientífico para a semiologia e o estruturalismo — e re-historicizar o fato literário. E traz o leitor como nova instância mediadora. A refundamentação da estética, como base no exercício de leitura, levará Jauss, mais tarde (1972, *Pequena apologia da experiência estética*), a propor o resgate do prazer estético, e, logo, ao confronto com a *Teoria estética* (1970) de Adorno, que, a partir das idéias de autonomia e reflexividade, concebe uma "estética negativa" em que a arte se põe como ascese e negação do existente e não como fenômeno transitivo. Jauss julgará tal perspectiva metafísica e puritana.

Qual o papel do leitor na formulação de Jauss? No momento inicial da "estética da recepção", no texto de 1967, não está presente a idéia de prazer estético — um dado imediato e individual, introduzido posteriormente na *Apologia...* (1972) como ajuste de rumo, de sentido imanentista. Assim, na primeira perspectiva, naquela da *História...*, o leitor é tomado em abstrato, só como unidade mínima do "horizonte de expectativa", que, para Jauss, é um referente-chave para a compreensão da obra de arte. Como objetivá-lo?

Em suma, tal como para Kant a experiência dos fenômenos é mediada por apriorismos, aquela da arte, para Jauss, deriva de um "saber prévio", ope-

rante na experiência estética. O "saber prévio" é função de três fatores: (a) normas da poética iminente ao gênero; (b) relação implícita com outras obras do contexto; (c) comparação da obra com o cotidiano. Contra os unilateralismos lukacsianos como formalistas e outros, a configuração histórica da obra vem surgir, pois, para Jauss, na interseção entre diacronia e sincronia e sob a influência de fatores extra-estéticos. Só após a reconstituição de tal dimensão intersubjetiva é que se pode levantar, de acordo com Jauss, a questão do gosto individual ou da interpretação subjetiva.

"O caso ideal para a objetivação de tais sistemas histórico-literários de referência", segundo Jauss, "é o daquelas obras que [...] graças a uma convenção do gênero, do estilo ou da forma, evocam [...] um marcado horizonte de expectativas em seus leitores para, depois, destruí-lo passo a passo". Exemplos disso seriam o *Dom Quixote* de Cervantes, *Jacques le fataliste* de Diderot, e *Chimères* de Nerval — que evocam e destroem, respectivamente, os gêneros do romance de cavalaria, do relato de viagem e da poesia romântica. Neste sentido, "mudar de horizonte" seria negar o modo de espera do público. E valeria como parâmetro para a apreciação estética da obra.

Assim, Jauss situa uma "negatividade", no âmbito da sequência de obras, como índice de uma "obra-prima". Como explicar que esta a seguir estabeleça cânones? Isto ocorrendo, na medida em que se torna modelar, a "classicidade" pode equiparar-se à "obviedade". Contra tanto é necessário um esforço corretivo: o uso do método de "perguntas e respostas" para o resgate das questões às quais a obra pretendia responder.

A diferença hermenêutica entre a compreensão passada e a presente apresenta a história da recepção da obra, permitindo a correção de aproximações irrefletidas ou a demarcação entre o clássico e o óbvio. Neste tópico, Jauss marca uma oposição com Gadamer e através deste com Hegel e Heidegger. Contra Gadamer, recusa a posição hegeliana,

na, pela qual "clássico" seria aquilo que "significa e interpreta a si mesmo", ou seja, algo que, em "mediação constante, realiza por si só a superação da distância histórica". O que, em suma, contradiz a premissa da "estética da recepção", onde o entendimento é produtivo e não reprodutivo.

Jauss também opõe o método dialógico, de perguntas e respostas, à explicação ontológica de Gadamer da experiência da arte como reconhecimento "das coisas e de nós mesmos". Se a obra estiver fundada na verdade, como afirmam Heidegger e Gadamer, a relação leitor-obra só poderá se gerar a partir da obra. Contra o "substancialismo metafísico" dessa noção — e para realçar a promoção da expectativa pública como solo da leitura, e desta como acabamento efetivo da obra num dado momento histórico — Jauss será levado (*Ifigênia de Racine e de Goethe*, 1973) a diferenciar "efeito" e "recepção". Assim, o "efeito designa o elemento condicionado pelo texto; a recepção, o elemento condicionado (apropriado) pelo destinatário". Nestes termos, o destinatário "livre e ativo", como resume Starobinski (no prefácio da edição francesa), "julgando segundo as normas estéticas do seu tempo, modifica pela sua existência presente os termos do diálogo".

Aliás, sem desfazer da alta qualidade editorial da versão brasileira, bem apresentada e bem traduzida, a partir do original alemão de 1967 (Universitäts Verlag Konstanz GmbH, 1967), cabe registrar que a edição francesa (*Pour une esthétique de la réception*, Gallimard, 1978) traz modificações introduzidas pelo próprio Jauss, quando da tradução. Vale a pena ser consultada pelos mais interessados. A edição da Ática, de outro lado, é reforçada por um anexo: "Os horizontes do ler", uma elucidativa entrevista de Jauss ao *Frankfurter Allgemeine* (agosto, 1987), ausente da edição francesa de 1980.

Luiz Renato Martins é doutorando em Estética no Departamento de Filosofia da USP. Já publicou nesta revista "Woody Allen: entre a política e a lírica" (Nº 38).